

O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios

El retorno de brasileños en tiempos de crisis: motivaciones, obstáculos y desafíos

The return of Brazilians in times of crisis: motivations, obstacles and challenges

Marina Tomassini Panosso
Doutora em Sociologia/UERJ
marinatomassini@gmail.com

Resumo

A crise financeira americana de 2008 afetou direta e indiretamente a vida dos brasileiros que viviam nos Estados Unidos. Muitos decidiram retornar para o Brasil nos anos seguintes, impulsionados também pelo crescimento econômico brasileiro nesse mesmo período. Este artigo refere-se a uma revisita etnográfica sobre brasileiros em Nova York que investigou o fluxo de retorno entre esses dois países e o impacto da crise na decisão do retorno, considerando as principais motivações, obstáculos e desafios no processo de partida e chegada.

Palavras-chave: Emigração Brasileira, Retorno, Revisita Etnográfica.

Abstract

The 2008 American financial crisis affected, directly and indirectly, the lives of Brazilians that lived in United States and many of them decided to return to Brazil, driven by the Brazilian economic growth over the same period. This article shows an ethnographic revisit about Brazilians in New York City, which investigated the return flow between both countries, the impact of the crisis in the return decision, considering the mainly motivations, obstacles and challenges in the process of leaving and arriving.

Keywords: Brazilian Emigration, Return, Ethnographic Revisit.

Introdução

Há bem pouco tempo acreditava-se que a “era de ouro” da emigração brasileira teria chegado ao fim. Sem conseguir prever a grave crise que atingiria o país, pesquisadores destacavam o Brasil como um novo polo de imigração que atraía não só populações de países vizinhos e refugiados, mas também gente de toda parte, que achava que aqui seria o lugar ideal para se viver. A pesquisa apresentada neste artigo foi realizada no final de 2013, ano que representa a transição de um Brasil que vinha de um período de crescimento - em que o país chegou a alcançar o status de sexta maior economia mundial - para o complexo cenário de crise política e econômica em que se encontra hoje. No entanto, na época em que foram feitas as entrevistas, tinha acabado de ocorrer uma onda de retorno ao Brasil daqueles que pensavam que aquele seria o momento certo para investir suas economias, enquanto os Estados Unidos enfrentavam, ainda, as consequências da crise financeira de 2008, como desemprego e precarização do trabalho.

Pesquisadores que se dedicaram a investigar o retorno de brasileiros nesta última década constataram o aumento significativo de retornados e a diminuição do fluxo de saída; chegaram a anunciar que o Brasil se tornaria, então, um país de destino para imigrantes de países fronteiriços e também refúgio para muitos brasileiros residentes no exterior, vítimas da crise internacional (FERNANDES; NUNAN; CARVALHO, 2011). Em uma entrevista para o Estado de São Paulo em 2012, Margolis também confirma essa tendência: “O Brasil está no meio desse redemoinho demográfico. Há duas décadas, os brasileiros fugiam como os haitianos. Agora, voltam. Estável, democrático, com uma economia em expansão e na mira de investidores, o "novo" Brasil, mais uma vez, tornou-se um país que atrai gente” (MARGOLIS, 2012).

Na tentativa de compreender esse fluxo de retorno, seu impacto nas redes migratórias e as dificuldades de readaptação no Brasil, realizamos uma revisita etnográfica no campo previamente estudado por Maxine Margolis, antropóloga americana que conduziu uma pesquisa pioneira sobre brasileiros em Nova York na

década de 1990. A pesquisa foi pensada através da proposta metodológica do sociólogo britânico Michael Burawoy (2003) de uma revisita etnográfica focalizada, que é quando um pesquisador retorna a um campo estudado anteriormente, por si mesmo ou outra pessoa, na tentativa de compreender e explicar a diferença no tempo. A pesquisa se efetivou em 2013 através do *Institute of Latin American Studies (ILAS)* da *Columbia University*, com a supervisão de Margolis. Durante quatro meses, foram realizadas entrevistas com sessenta brasileiros que decidiram viver em Nova York. As entrevistas ocorreram por meio da técnica não aleatória da bola de neve, em que um informante apresentou outras pessoas e assim, sucessivamente. Foram entrevistadas, também, pessoas em lojas brasileiras, restaurantes, salões de beleza, igrejas e ONGs. O trabalho de campo foi focado em quatro regiões principais da área metropolitana nova-iorquina: Manhattan, Astoria, Mount Vernon e Newark. Foram consultados, ainda, diversos jornais, blogs, sites e canais no Youtube feitos por brasileiros que vivem nos Estados Unidos para brasileiros que pensam em morar no país¹.

Inicialmente, trataremos do retorno enquanto uma nova categoria migratória e apresentaremos dados que revelam o aumento do fluxo de retorno e de que forma este está relacionado com a crise financeira internacional de 2008 - e o crescimento econômico brasileiro nesse mesmo período. Em seguida, traremos um caso que exemplifica as características e dinâmicas do retorno nesse contexto. Finalmente, é feita uma análise de trechos de entrevistas que demonstram os principais obstáculos e desafios que os retornados enfrentam no processo de readaptação.

O retorno enquanto categoria migratória

O retorno tem ganhado destaque nas pesquisas recentes e se configurou como uma nova categoria migratória. De acordo com Siqueira e Santos (2013), existem ao

¹ Esta pesquisa foi publicada na tese *Brasileiros em Nova York: Uma Etnografia Revisitada (1994-2014)*, defendida em 2016 através do Departamento de Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Rio de Janeiro (IESP/UERJ).

menos duas orientações nos estudos migratórios atuais. Uma em que o retorno do migrante está incluído no conjunto das modalidades das transferências e impactos da migração nos lugares de origem. Conseqüentemente, associa-se o tema do retorno ao estudo das remessas e à temática das transferências migratórias, especialmente na perspectiva dos fluxos migratórios Norte-Sul. A outra trata da construção de uma categoria de retorno específica, designada como “retorno étnico”. Nesse caso, a migração supõe um processo histórico que, atravessando as gerações, vai alimentando um projeto político nacional. Junto à experiência histórica do afastamento, constrói-se uma identidade coletiva, cristalizada no retorno. Para Fazito e Sousa (2016), o retornado internacional é peça fundamental para a perpetuação do sistema migratório por meio da intermediação de recursos estratégicos transmitidos na comunidade. O retornado possui um capital social singular dentro do sistema migratório, pois pode assumir papéis de suporte financeiro, psicológico e de intermediação entre outros contatos, e disseminar valores e recursos essenciais para o projeto migratório (como a retirada de documentos, realização da travessia legal ou não, moradia e emprego em terras estrangeiras). Da mesma forma, a atuação dos retornados favorece também a organização de um mercado de migração que se caracterizou pela ‘indústria da migração ilegal’.

Por essa razão, a atenção dada nos últimos anos à questão do retorno, em âmbito nacional e internacional, levou o governo brasileiro a um interesse de cooperação bilateral entre os Estados Unidos e o Brasil para conhecer melhor esses imigrantes e suas comunidades, dialogar sobre suas necessidades e estudar possibilidades de apoio em suas decisões coletivas e individuais de permanência ou retorno. O Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MRE) criou o Guia de Retorno ao Brasil em 2010, com informações sobre serviços e programas de atendimento, incluindo assistência psicológica, saúde e serviços de apoio aos retornados. Existe uma página online elaborada pelo MRE chamada *Portal do Retorno*, que contém ainda informações referentes ao mercado de trabalho, previdência, finanças e outros temas de interesse do brasileiro retornado. Portanto, a questão do retorno está interligada à emigração e, mais ainda, às condições de produção de um determinado fluxo de emigração, cuja conformação se define histórica, política e socialmente, como veremos a seguir.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

Impactos das transformações políticas e econômicas nos fluxos

De forma geral, as crises econômicas geram desemprego, crescimento das restrições nas fronteiras, redução dos fluxos migratórios, baixa nos valores das remessas, aumento das deportações e maior número de retornados (GHOSH, 2011). Para Máximo e Faleiros (2010), desde a crise que afetou os Estados Unidos em 2008 e começou a afetar a Europa em 2010, a população estrangeira nos países desenvolvidos teve que se equilibrar entre o aperto das políticas de imigração, desemprego em alta, salários em baixa, enfraquecimento do câmbio, redução das remessas e economias. Esses fatores combinados explicam a queda de novos fluxos migratórios mundiais nos anos posteriores à crise. Mas para alguns autores, o retorno em massa não é uma regra, porque as condições de vida nos países de origem não se modificaram tanto e muitos migrantes já estão enraizados no exterior, com família e relações sociais estabelecidas. Estudiosos da teoria das redes sociais têm demonstrado a força das relações sociais na hora da decisão entre ficar ou partir. Ainda, as características gerais afetam países de diferentes formas, o que torna cada fluxo entre dois pontos um acontecimento único.

No caso brasileiro, o MRE (2011) estima que, desde o início da recessão econômica em 2008, 20% dos brasileiros que moravam nos Estados Unidos tenham retornado. Para o Censo Brasileiro de 2010, entre 2005 e 2010, 175 mil brasileiros teriam voltado do exterior - o dobro dos anos anteriores (IBGE, 2011). Desses, 52 mil moravam nos Estados Unidos. Ainda, de acordo com o American Community Survey de 2011, a população brasileira nos Estados Unidos diminuiu algo em torno de 8% entre 2009 e 2011. A crise econômica acentuou ainda mais o caráter precário das atividades realizadas por imigrantes, gerando corte de vagas, redução da jornada de trabalho e de horas extras que, somadas ao aumento da inflação e da desvalorização do dólar, resultaram em menor ganho financeiro, levando muitas pessoas a retornar. Trabalhar, pagar as contas e ainda economizar para mandar dinheiro para família ou investir no Brasil não é mais uma rotina, como era antigamente. Os brasileiros que deixaram o Brasil duas décadas atrás tinham mais oportunidades de emprego, trocavam de emprego com muita facilidade e conseguiam trabalhar dias depois de chegar na cidade. Com a

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

alta valorização do dólar, logo sentiam a diferença e tinham, rapidamente, uma resposta positiva em relação a seu investimento migratório (MARGOLIS, 1994).

Pesquisadores também observaram e registraram a diminuição considerável do fluxo de saída de brasileiros para o exterior e um crescimento no número de retornados, num contexto em que a crise se conjuga com outros fatores que dizem respeito aos próprios paradoxos da mobilidade contemporâneos:

A era de ouro da emigração chegou ao fim. Vários fatores contribuíram para isso, como a “construção” da fortaleza Europa com os alicerces fundados na xenofobia, as leis restritivas aos imigrantes nos Estados Unidos que criminalizam a migração irregular, antes um problema puramente administrativo. A crise econômica extinguiu postos de trabalho e reduziu a capacidade produtiva de países que tinham na mão de obra imigrante a força de trabalho para a manutenção do crescimento econômico. Do lado brasileiro, como um fator de atração, a resposta da nossa economia à crise econômica e os esforços que conduziram o país a uma posição invejável no cenário internacional tem colocado, para aqueles que vivem no exterior, o dilema de tudo deixar e enfrentar o retorno. Ao mesmo tempo, a busca por profissionais qualificados no mercado nacional norteadada pela agenda de investimentos em futuros projetos, não deixa sombra de dúvidas que o nosso país está entrando em uma nova fase migratória (FERNANDES; NUNAN; CARVALHO, 2011:93-94).

Na tentativa de investigar o impacto da crise no fluxo de retorno dos Estados Unidos e Portugal para Poços de Caldas e Teófilo Otoni, os pesquisadores Duval Fernandes, Carolina Nunan e Margareth Carvalho (2011) realizaram uma série de entrevistas na região. No entanto, as razões para o retorno estavam na maioria das vezes relacionada à família (54,3%), sobretudo saudades, ou mesmo doença de algum parente próximo no Brasil. Outros 10,5% dos entrevistados voltaram ao Brasil, porque alcançaram o que buscavam no exterior. Apenas 9,3% citaram a crise de 2008 que dificultou as condições de emprego, principalmente quanto à redução de jornada de trabalho e encarecimento do custo de vida nos Estados Unidos. Para 7,1% dos entrevistados, questões ligadas à saúde como depressão ou doenças e acidentes entre integrantes da família no exterior foram motivos para retornarem ao Brasil. Ressalta-se que 18,5% retornaram ao Brasil por motivos diversos como deportação ou medo de serem deportados, concluir faculdade ou pretensão de fazer um curso superior no Brasil,

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

licença de trabalho vencendo, dificuldade de adaptação no exterior, visto com prazo determinado, novas perspectivas e outros fatores. Nas duas cidades vizinhas, Poté e Botelho, a maioria dos retornados é considerada como “tomador de crédito”, ou seja, faz empréstimos, como foi frisado por funcionários de banco com agência nos municípios pesquisados. Desde o início da crise internacional, não foi expressivo o número de emigrantes internacionais que retornaram às cidades de Minas com dinheiro aplicado. O Banco do Brasil continuou recebendo as remessas, porém os valores eram bem menores. Os dados também revelam que a maioria daqueles que voltavam era de homens, o que pode estar relacionado com o fato de que as mulheres têm maior possibilidade de permanência no local de destino, através da manutenção de seu emprego no exterior. Setores como o de construção são mais afetados do que serviços domésticos, por exemplo.

Outra pesquisa realizada em uma comunidade brasileira em Boston por Fernandes e Knup (2012) revela que, apesar das lideranças locais reconhecerem o retorno de muitos brasileiros nos anos anteriores, temiam que a divulgação do fato pudesse incentivar novas partidas e com isso atingir o comércio local, principalmente dos brasileiros que oferecem produtos para a comunidade. A gradual possibilidade de o imigrante mais antigo se radicar no país e se incorporar à sociedade, até mesmo em seu padrão de consumo, sem que este consumo seja renovado com a chegada de novas levas de imigrantes, seria fatal para os pequenos comércios voltados para os brasileiros. De acordo com a pesquisa, o retorno em larga escala estaria ocorrendo devido às dificuldades de conseguir emprego. Novas oportunidades de novos trabalhos estavam escassas, assim como a possibilidade de fazer horas extras ou ter dois empregos, e muito brasileiros trabalhavam em dupla jornada: o primeiro emprego teria a função de sustento e o segundo, a formação de poupança. A manutenção de uma só atividade contribuiu para tornar menos atrativa a permanência nos Estados Unidos.

Em nossa pesquisa, houve muitos relatos que revelaram um aumento do fluxo de retorno relacionado às dificuldades enfrentadas em consequência da crise. Um pastor de uma igreja presbiteriana que já está há 11 anos nos Estados Unidos conta que trabalha

“quase como psicólogo” dos brasileiros que buscam sua palavra para aconselhamento. Para ele, os brasileiros estariam “completamente esfacelados, economicamente e emocionalmente”. Em seu trabalho, acompanha a vida de grande parte da comunidade de Newark de perto e diz que ultimamente aquele tem sido um ambiente “adoecedor”. De acordo com o jornal local, existem hoje cerca de 20 mil brasileiros na cidade que fica em Nova Jersey (CANÔNICO, 2010), a apenas meia hora de trem de Manhattan. Segundo o pastor, o fluxo de pessoas chegando diminuiu e muitos retornaram por dois fatores principais. O primeiro se refere ao atentado contra as torres gêmeas, quando o governo dificultou muito a entrada e permanência dos brasileiros. Ele deu o exemplo da dificuldade em se obter a carteira de motorista e contou que muitas pessoas não quiseram ficar dirigindo sem carteira. O outro motivo seria a crise econômica, pois quando ele chegou, raramente via alguém sem emprego, desesperado pelo trabalho. Mas a crise fez com que muitos imigrantes passassem à condição de desempregados,; muitos não resistiram e voltaram para o Brasil. Mas concluiu dizendo que a comunidade brasileira ainda é muito grande na região.

Karina foi outra entrevistada brasileira que chegou aos Estados Unidos em 1996. Ela é casada com outro brasileiro e tem dois filhos. Ela e o marido não possuem documentos. Em seu bairro em Newark, moram 6 de seus 12 irmãos, com suas famílias. Costumam receber parentes do Brasil com frequência e se reúnem cotidianamente. Seu marido trabalha na construção e a família mora numa casa de dois andares, quatro quartos, um grande quintal atrás e uma garagem com dois carros. Segundo ela, eles pensam em voltar, mas agora, a prioridade são seus filhos. Ela sabe que para eles voltarem seria muito ruim, porque ela já parou de trabalhar há muito tempo e não iria conseguir se reinserir no mercado de trabalho. E se seu marido trabalhasse na construção no Brasil, eles não teriam a qualidade de vida que têm hoje. Para ela, pareceu importante ressaltar as histórias mal sucedidas de retorno, porque poderiam ser casos como o dela, de famílias sem documentos que resolvem investir no Brasil mas se arrependem e depois reemigrar se torna um grande obstáculo e um difícil recomeço. Dessa forma, sua escolha de permanecer lhe parece a mais certa a se fazer. Para ela, também houve muita gente que voltou por causa da crise, principalmente no setor da

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

construção, pois seu marido não encontrava pessoas para trabalhar. Ela disse que conhece algumas pessoas, de outras fica sabendo e conta que muita gente retornou e se arrependeu.

O sonho de seu próprio “business” e as dificuldades de readaptação

Daniele é uma carioca de 39 anos que já foi e voltou para os Estados Unidos mais de dez vezes. Decidida a não permanecer de forma irregular, recusa-se a “comprar” um casamento e faz suas idas e vindas por meio de vistos de turista, estudo, trabalho temporário e sonha com o dia em que ficará através de um visto permanente de trabalho. Sua primeira vez foi em 1996 e a última, no final de 2015. Tive inclusive a oportunidade de entrevistá-la no Rio de Janeiro em fevereiro de 2016, quando ela relatou as últimas impressões sobre a vida atual dos brasileiros nos Estados Unidos e seu recente (e recorrente) processo de readaptação no Brasil. A particularidade de sua história pode ser considerada como um exemplo do que, de certa forma, se repete nos processos de retorno, em maior ou menor grau:

“[...] Só que aí em 2009 eu resolvi acreditar que o Brasil estava lindo e maravilhoso. Aqui estava meio devagar, mas eu estava lá trabalhando ainda. Não fui demitida, nem nada. Mas nesse período, eu entrei também em uma fase de problemas pessoais e tive depressão e comecei a fazer terapia. Aí, minha família começou a falar que o Brasil estava maravilhoso, que aqui estava em crise. As minhas duas irmãs abriram empresas lá na época. Aí falaram: Não, você vem para cá, trabalha aqui com a gente. Uma, trabalhava na área de marketing e a outra, na área de filmagem, de documentário. Falaram que ia ter muito trabalho para mim, e não sei mais o que. Enfim... aí resolvi ir embora, largar meu apartamento. Eu estava morando sozinha, com emprego. Só fui porque era casamento da minha irmã. E a advogada falando: Olha, eles não estão dando visto. Eles estão negando, não arrisca...

Eu voltei com uma ideia que eu ia abrir uma empresa de convite e papelaria, nessa área de design. Tinha criado a marca, já estava pensando em tudo. Aí, eu acho que nos três primeiros meses as coisas ainda ficaram mais ou menos.

Sempre que eu volto eu odeio tudo. O lugar que eu andei a vida inteira... eu ando na rua e me sinto um *alien*. Acho tudo bagunçado, tudo uma zona, tudo sujo. Arg! Eu não sinto falta nem da praia porque eu não vou à praia no Rio. Do Rio, eu não sinto falta de absolutamente nada.

Aí, eu fiquei uns sete meses só criando as coisas da empresa que eu ia abrir. Aí, eu voltei a morar com meus pais, né? E isso é outra parte difícil, porque meu pai tinha falado: Não, se você vier a gente vai comprar um apartamento para você. Fizeram maior propaganda enganosa de que ia ser tudo lindo. E eu pensei: Finalmente vou ter meu apartamento próprio! Porque aqui eu estava morando sozinha, mas eu ficava com medo até de colocar um prego na parede. Aí, eu fui nesse sonho. Cheguei até a procurar apartamento por conta própria. Sem nenhum apoio moral do meu pai. Até o dia que ele falou que eu estava perdendo meu tempo, que ele não ia comprar nada. Minha vontade era pegar o meu primeiro avião e ir embora. Aí eu pensei: Pronto, agora vou ficar morando com eles para sempre.

Aí, abri a empresa. Já que não vai ter apartamento, porque eu ia trabalhar em casa. Mas como não rolou o apartamento eu abri um escritório no centro. Aí, eu aluguei, decorei o escritório todo. Nossa, em seis meses eu gastei tanto dinheiro! Botei anúncio em revista de casamento, divulguei em tudo quanto é lugar e não consegui fechar um convite de casamento. Nada! Nada! Zero! Ninguém queria pagar o que eu cobrava, porque eles queriam pagar o que se cobra numa gráfica para fazer. E os meus eram diferentes. Tinham design, tinham cor, imprimir era caro. Eu tive até que fazer uma parceria com uma gráfica em São Paulo porque eu não achava um orçamento aqui. Eu tinha o preço de tudo no site. Eu fiquei meses trabalhando no site. Aí, não tive retorno nenhum. Seis meses pagando aluguel. Eu fui tola, porque todo mundo que tem essa ideia mesmo de voltar pro Brasil e abrir um negócio.

[...] Porque até pra transferir uma conta de luz pro meu nome era tão trabalhoso. Tudo era tão frustrante. Me dava tanta irritação. Tinha que ir na Light e passar o dia lá... eu não consegui passar o telefone da minha casa pro escritório. Aqui você dá um telefonema e você resolve. Aí, um amigo meu que trabalhava na Petrobrás falou que tinha uma vaga aberta de design. Aí, eu falei: Não, obrigada, eu não estou procurando emprego, eu estou com a empresa. Isso me dava uma raiva! Eu tinha uma empresa e todo mundo me falando um monte de coisas. Eu vim embora de Nova York pra ter meu próprio negócio e não trabalhar pros outros. Mas no dia seguinte eu pensei: Caramba! O que eu faço? Porque o meu dinheiro estava acabando e eu estava aceitando dinheiro da minha avó para pagar o aluguel do escritório. Eu já estava humilhada, sabe? Aí, eu liguei para ele para saber se ainda dava tempo e ele me colocou na entrevista. Putz! Aí, eu fiz quatro entrevistas lá dentro, aquele processo todo. Mas, mesmo assim, o salário era bem decepcionante: dois mil e poucos reais para trabalhar na Petrobrás. Mas para quem está com zero, qualquer coisa é melhor. Aí, eu aceitei e comecei a trabalhar em março de 2011 e pensei assim, para mim mesma, não contei para ninguém: no dia que eu começar a trabalhar lá eu vou contar um ano e vou voltar pra Nova York no ano seguinte. Aí, fiquei lá na Petrobrás e ainda com o escritório. Saía de lá e ficava no escritório até onze da noite. Eu não queria dar o braço a torcer. Fiquei ainda uns três meses fazendo isso, batendo cabeça. Mas não deu nem para manter o contrato de um ano no escritório. Eu tive que entregar e pagar multa. Que ódio! Minha decoração, pintei a parede. Tudo que eu tinha juntado aqui eu gastei e fiquei pobre de novo. Fiquei um

ano na Petrobrás contando os dias. E quando eu falei que eu ia embora, o meu amigo que indicou ficou todo puto: Se eu soubesse que você tinha a intenção de voltar para Nova York eu não tinha te indicado. Po, eu ainda aguentei 365 dias! Ganhando 13 reais de ticket. Não dava nem pra almoçar, o ticket! [...] Aí, eu voltei pra cá, pra tentar de novo o visto de trabalho”

A fala de Daniele revela fragmentos e impressões comuns entre retornados. De acordo com Siqueira (2007), o projeto inicial de emigração da maioria dos brasileiros é composto por quatro etapas: emigrar, ganhar dinheiro, voltar e investir. De forma semelhante, Sayad (2000) e Fazito (2010), demonstram como a ideia original de projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal. Conseqüentemente, durante as entrevistas, esse tema surgiu de forma espontânea na maioria das vezes, antes mesmo de tocarmos no assunto.

Abdelmalek Sayad (1998), em sua etnografia sobre argelinos em Paris, conseguiu explorar, de forma muito sensível e detalhada, a forma como o retorno representa a situação paradoxal do fenômeno migratório em que emigração/imigração e presença/ausência ocorrem simultaneamente: não há presença em um lugar que não implique ausência em outro. Não há inserção nem integração no lugar presente que não implique des-inserção e des-integração em outro lugar que já é, então, lugar de ausência e lugar de referência para o ausente. Um brasileiro de Florianópolis que vive em Nova York, por exemplo, é emigrante para sua família e sua comunidade no Brasil e imigrante para a comunidade brasileira no exterior e a sociedade americana, e a ideia única do retorno – sempre presente na imaginação do migrante - incorpora tanto o contexto do país de origem como o de destino, ou seja, realidades econômicas, políticas, sociais e históricas distintas e, nesse deslocamento, ocorrem alterações sociais nessas duas localidades. O autor mostra, ainda, como o retorno é uma possibilidade que só existe no seu *devoir*, pois é em si mesmo uma justificativa manipulada politicamente pelo migrante em resposta à sua ausência. O retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se “abandonou”. O poder simbólico do retorno nasce exatamente dessa impossibilidade

prática de não se poder retornar, de fato, para o mesmo “estado de coisas” que se deixou ao emigrar. Não pode existir um verdadeiro retorno, um retorno ao idêntico.

O imigrante deseja encontrar seus conhecidos, seu grupo, tal como ficou fixado de uma vez por todas e encontrá-lo como se nada tivesse passado, nada tivesse mudado durante sua ausência. Como demonstra Fazito (2010), para que o retorno continue sendo uma boa justificativa para o emigrante e sua comunidade na defesa da racionalidade do deslocamento, tal impossibilidade prática de retorno às origens deve ser prontamente mascarada ou ignorada. Emigra-se com a crença absoluta de que um dia se retornará para o mesmo “espaço” original, como se a decisão de emigrar fosse puramente individual e pontual, localizada num espaço e tempo manipulável racionalmente. “Mais do que isto, quando o emigrante inicia sua peregrinação por outros territórios, pouco a pouco se dá conta de que a ausência no lugar de origem implica políticas extremas de negociação com os que ficaram e com aqueles estabelecidos no seu destino final” (FAZITO, 2010:91). Essa negociação tem efeitos diversos na vida do migrante, tanto no país de destino como no momento de retorno e readaptação. Como descreve o pastor:

‘Eu conheço o que algumas pessoas que moram por aqui narram. E eles falam das dificuldades imensas de se readaptar. Eles se acostumaram com um país como Estados Unidos que tem alguns serviços que funcionam muito bem. A questão da segurança também...embora tenhamos aqui violência também, mas não se compara com a violência do Brasil. E as pessoas voltam muito assustadas. O que eu observo é que uma pessoa que passa um tempo vivendo em outro país ele vai ter um problema de identidade. Fica meio que um cidadão do mundo, porque os valores da cultura americana vão internalizando na gente de uma maneira impressionante. Mas você tem toda a formação cultural no Brasil. Então o que eu percebo que as pessoas que voltam, elas não são muito felizes. Porque eles estão lá sentindo falta daqui e aqui sentem falta de lá. E o que algumas pessoas já narraram pra mim é essa questão... as pessoas que voltaram, estando legal aqui é diferente... porque aqueles que voltaram sem papel, sabem que nunca mais poderão entrar aqui. Então, isso gera uma dor muito grande. As pessoas me ligam e falam: Pastor, eu morro de saudade, sinto falta dessa época de natal, do frio, da neve...eu sinto muita saudade, mas eu sei que eu não posso voltar mais. As pessoas, muitas vezes, voltam pelo México mesmo, porque chegam numa situação de desespero, de uma falta... alguns deixam vínculos também, porque você vai construindo vínculos também, né? Tem, também, até essa questão econômica. Não são raros os casos de pessoas que comentam comigo que voltaram com um certo patrimônio, mandaram dinheiro daqui pra lá. Eles não estão preparados, precisam de apoio, até na questão econômica. Tem

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

peessoas que chegam lá, e, às vezes, viveu os últimos 15, 20 anos da vida aqui e aí começam um business com o dinheiro que tem e isso entra num processo complicado porque eles não estão acostumados com o mercado brasileiro. Tem gente que perde o dinheiro, se desespera mesmo. Eu sei de pessoas que montaram restaurante, como se tivesse montando aqui na nossa comunidade. [...] Têm muitas pessoas que se frustram também porque colocaram os bens no nome de algum familiar lá e não conseguem reaver seus bens.

Uma outra brasileira de 40 anos, casada e com um filho, que mora em Newark e cujo marido trabalha na construção, fala de dois casais de conhecidos nessa situação. Um deles retornou porque já tinha comprado apartamento, já tinha preparado um “business”. Ela conta que foi tudo planejado nos mínimos detalhes, tudo “pé no chão”, mas que quando chegaram, tiveram um choque e em menos de seis meses o marido de sua amiga teve uma depressão: “Ele ficava andado, assim, louco, querendo voltar”. Segundo seu relato, eles voltaram para Vitória e tinham apartamento próprio de frente para o mar e muito dinheiro que economizaram durante anos. Na época, tinham só um filho de sete anos que tinha ido para a escola nos Estados Unidos; ele estranhou muito a escola brasileira. Sua amiga logo conseguiu dar aulas de inglês porque ela falava muito bem, mas conta que ela ficava muito triste com a miséria das crianças. Logo, o casal quis emigrar novamente, mas não tinha os papéis. Ela conta que eles eram casados em Nova York, mas não no Brasil. Então, eles se casaram, fizeram um “arranjo” e conseguiram entrar no país novamente. Hoje o casal teve mais um filho e foi morar na Flórida. Estão felizes e não pensam em voltar para o Brasil.

O outro casal foi para o interior do Brasil, tendo comprado fazenda própria. Eles tinham dois filhos que nasceram nos Estados Unidos. Chegando lá, nada deu certo, pois o que eles ganhavam na fazenda não possibilitava uma qualidade de vida igual ao que eles davam para os filhos nos Estados Unidos, pois lá tinham seu próprio *business*. Ela conta que o casal também entrou em conflito com a família, que não entendia como eles se lamentavam: “A família não entende como é que você nasceu e foi criado ali e como é que você agora não se adapta mais? Se até na sua idade adulta você vivia naquela situação...” Arrependido, o homem resolveu voltar pelo México, “de tão desesperado que ficou”. Ele ligou para seu marido para ter certeza de que ia ter trabalho quando

chegasse para poder pagar as despesas todas. Ele chegou de manhã de muito frio apenas com uma blusa fina, sem casaco nem nada. Mas logo começou a trabalhar e as mulheres e os filhos foram encontrá-lo depois. “Esses também não pensam em voltar mais porque a experiência que eles tiveram lá não foi boa”.

Para Ricardo, professor de engenharia regularizado há mais de 20 anos nos Estados Unidos, a crise também afetou muito a vida dos brasileiros, principalmente parte do pessoal que não tinha seu próprio trabalho, seu próprio emprego. Para ele, quem tinha seus negócios se estabilizou, não ganhou muito dinheiro, mas também não perdeu. Então continuou a vida. Mas as pessoas que tinham que buscar trabalho tiveram que voltar. Ele conta que conhece muitas pessoas que voltaram e que as pessoas, muitas vezes, têm uma “falsa ilusão” ao julgarem que, por comprarem um carro, uma casa, já estariam bem e poderiam voltar para o Brasil. Mas elas se esquecem que têm que pagar a manutenção do carro, da casa, IPVA, gasolina, IPTU, contas de luz etc. É necessário ter uma renda que sustente isso. “Não é só uma casa e um carro. A vida é muito mais”. Por isso, ele diz que está sempre alertando as pessoas para terem certeza de que querem retornar, porque há pessoas que não conseguem emigrar novamente e hoje estão piores do que estavam antes. Ele cita seu próprio exemplo, dizendo que mesmo ele, que é formado em engenharia e tem vários cursos, estaria fora do mercado se voltasse para o Brasil. Então, ele conhece muitas pessoas que voltaram e se arrependeram. Alguns que tinham “papel” ficaram no Brasil dois, três anos e depois voltaram. Mas bastante gente que ele conhece voltou e não conseguiu emigrar novamente.

A forma como ocorre o retorno é fundamental no processo de readaptação. Se foi um retorno planejado, calculado, que inclui economias e planos futuros de investimento e trabalho, mesmo que ocorram futuras frustrações, é sempre mais fácil. Mas existem aqueles que não gostariam de retornar, mas não tiveram condições de se manter economicamente ou tiveram que voltar para cuidar de um familiar doente, e nesse caso, a chegada no Brasil já é vivida com sentimentos negativos. Existem, ainda, os casos de deportação, em que a ruptura é ainda mais brutal.

Quando o migrante retorna ao espaço que havia sido congelado em sua mente (sacralizado, como se refere Sayad), e é tomado pelas reais transformações ocorridas durante seu afastamento, é preciso tempo para que ele possa reorganizar sua relação com as pessoas, os espaços, as dinâmicas sociais que foram transformadas. De acordo com Sylvia Dantas (2010), psicoterapeuta e coordenadora do Serviço de Orientação Intercultural no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o retorno implica uma nova migração e um novo processo de aculturação. Muitas vezes, essa readaptação pode ocorrer com muito sofrimento, em um processo pode levar a um “estresse de aculturação” e até a uma depressão mais séria. Muitos psicólogos chegaram a nomear esse processo como “síndrome do retorno”. Para DeBiaggi (2004), o retorno para a terra natal pode ser até mais difícil do que a decisão de emigrar. O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem são muito angustiantes para alguns emigrantes que retornam. Quando se decide emigrar, existe todo um preparo para enfrentar as dificuldades no exterior, mas a ideia da volta para casa está sempre referida a um sentimento de acolhimento e familiaridade que não ocorre instantaneamente como se imaginava (assim que descer do avião, por exemplo).

Liana, psicóloga da ONG Mantena em Newark, diz que o retorno é visto, muitas vezes, como a solução mágica para todos os problemas. Segundo ela, existe uma mistura de culpa com o raciocínio de que “se eu não estivesse aqui isso não teria acontecido”. Existe a questão da dúvida: *Ah, se eu não tivesse vindo*. “Ah, se eu não tivesse deixado meu filho... E se eu tivesse feito diferente? E se eu não tivesse largado a firma no Brasil? Sempre essa dúvida e a questão da culpa”. E quando o indivíduo retorna, tem que lidar também com essa culpa, não só na relação com seus familiares (o que implica muitas vezes suportar uma cobrança), como também internamente, quando precisa avaliar seu investimento pessoal no exterior depois de fechado o ciclo.

As dificuldades de adaptação são diversas. Passam por questões de segurança, consumo, regras sociais, comportamento, temperatura etc. Um dos pontos mais importantes destacado nas entrevistas, quase tão forte como a força que a família (e o

familiar) exerce no fenômeno migratório, é a segurança. A maior parte dos brasileiros fala que o que mais gosta nos Estados Unidos é a segurança, assim como os que retornam falam que a segurança é o que sentem mais falta. Aqueles que moram em Nova York e visitam o Brasil ficam muito inseguros na rua. Para eles, é muito bom andar na rua sem pensar o tempo todo que vão ser assaltados, “andar na rua e saber que nada vai acontecer”.

Para a dona de um salão de beleza em Astoria, o principal problema de adaptação no Brasil, às vezes, não é nem financeiro, mas “caso de segurança pessoal”. Ela conta, rindo, sobre um dia em que seus familiares - que vieram passar uma temporada na sua casa - tiraram brincos e anéis de ouro automaticamente antes de sair de casa. Uma carioca que foi passar um tempo no Rio de Janeiro disse que, logo no primeiro dia em que foi a um shopping na Tijuca, houve um assalto e os policiais passaram na sua frente com metralhadoras. Ela disse que depois disso não quis mais sair de casa sozinha.

Outro brasileiro conta que um dos principais choques que sentiu foi em relação ao consumo e preço das coisas. Ele diz que nos Estados Unidos economiza uma semana e tem o eletrodoméstico que quiser, faz horas extras e compra um carro. “Tudo é muito fácil”. Uma manicure me conta que fica chocada com o comportamento dos brasileiros que vão para os Estados Unidos e compram como loucos. Às vezes, muitas bugingangas, só porque os preços nos Estados Unidos são menores.

No estudo de Vedana (2010) sobre a volta de brasileiros e os processos de aculturação e adaptação relacionados às formas de consumo, a autora afirma que a maioria dos retornados pensa que voltar foi ruim. Seu estudo identificou que, entre os principais produtos e serviços de que os retornados sentem falta figuram: alimentos, roupas (de qualidade), eletrônicos (com preços acessíveis), transporte e segurança. Os dados coletados em 21 entrevistas em Porto Alegre demonstram como essa falta está diretamente relacionada a um processo negativo de adaptação. Muitos ficaram revoltados com os preços dos produtos no Brasil, por terem que passar muito tempo

trabalhando para adquirir bens. A perda do poder aquisitivo ao desenvolver as mesmas atividades no país (como trabalho ou bolsa de estudo) é um fator negativo comum que dificulta o processo de retorno, que geralmente é acompanhado por uma pequena depressão. Aqueles que começaram a trabalhar logo que retornaram, se adaptaram melhor do que aqueles que ficaram desempregados.

Outra brasileira, solteira de 38 anos, que tem visto de trabalho e mora há 13 anos em Nova York, me contou que quando volta para o Rio de Janeiro, percebe como a cidade é provinciana e conservadora. Ela reclama que pelo fato de estar solteira, as pessoas de seu convívio querem promover sua aproximação com alguém para se casar. E como ela pretende fazer inseminação artificial, fica preocupada com a reação da sociedade. Para ela, se morasse em Nova York, ninguém se importaria. Ela conta que isso se reflete até nas opiniões das psicólogas. Sua psicóloga americana disse que tinha uma amiga que também tinha feito inseminação sozinha, considerando isso normal; para outra psicóloga brasileira, que consultou quando esteve no Brasil, esse seria um ato egoísta da sua parte, porque a criança não teria pai e poderia se voltar contra ela no futuro.

Outra queixa comum refere-se aos serviços. Um entrevistado que costuma passar as férias no Brasil conta que não suporta quando vai no mercado e uma caixa fica falando para outra sobre cenas de novela. Para ele, os serviços nos Estados Unidos não se comparam - são muito profissionais. Existe também a queixa sobre o trânsito. Alguns reclamam de falta de educação, outros do tráfego completamente parado. Muitos reclamam das duas coisas. Uma brasileira que teve seu filho nos Estados Unidos e voltou quando o bebê tinha nove meses contou que, na primeira vez que saiu à rua com carrinho para comprar pão, julgou que estava num rali, referindo-se às calçadas esburacadas e sem acessibilidade.

Esses incômodos tornam-se reclamações constantes e, frequentemente, as pessoas em volta que nunca emigraram passam a julgar tal atitude como esnobe. Isso dificulta ainda mais o processo de aproximação. Como podemos ver, os estranhamentos

são diversos e, em maior ou menor grau, são comuns a todos os retornados. O fato de o retorno ter sido ou não desejado é fundamental para a aceitação dessas novas impressões sobre aquilo que já era tido como dado. A relação com as pessoas próximas, a situação econômica e a reinserção no mercado de trabalho ou atividades de investimento pessoal são outros fatores-chaves nesse processo. Finalmente, a forma como indivíduo está posicionado em uma rede migratória e os comportamentos e retóricas dominantes dentro dessa rede terão também uma forte influência. Quando há uma conjunção harmônica desses fatores, o retornado poderá então sentir-se em casa novamente em algumas semanas ou meses. Mas quando todas as percepções são insistentemente avaliadas a partir de sua dupla referência, sempre em um estado de comparação, a falta do inacessível pode gerar então uma nova emigração.

Considerações finais

O cenário revelado neste artigo refere-se a um período específico de tempo que já não corresponde ao momento atual. Se em outubro de 2009 a taxa de desemprego nos Estados Unidos era mais alta do que a do Brasil (10% da população americana estava desempregada, enquanto no Brasil essa taxa correspondia a 8,7% da população), a economia americana voltou a crescer e, recentemente, a taxa de desemprego nos Estados Unidos caiu para 3,8%, a menor taxa em 18 anos, (Bureau of Labor Statistics, 2018) enquanto no Brasil o número de desempregados têm crescido e cerca de 13,1% da população está desempregada, o que corresponde a 13,7 milhões de pessoas (IBGE, 2018). Esses números têm se refletido nas emigrações. Números obtidos da Receita Federal confirmam que a emigração qualificada está em alta. Entre 2011 e 2015, o total de Declarações de Saída Definitiva do país — documento apresentado ao Fisco por quem emigra de vez — subiu 67%. Em 2011, a Receita recebeu 7.956 declarações, 21 para cada dia do ano. Em 2015, foram 13.288, numa média diária de 36 saídas. Já em 2017 esse número mais do que dobrou e 21,7 mil brasileiros deixaram o país até 13 de dezembro (Melo, 2017).

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

Diante do complexo cenário político brasileiro atual, muito provavelmente este aumento do movimento de saída deverá prevalecer. A importância desse estudo se releva justamente enquanto registro de um momento único, em que foi possível acreditar que o Brasil estava se configurando não só como um polo de imigração, mas também um lugar de oportunidades e prosperidade para aqueles que haviam deixado o país. No entanto, vimos que mesmo assim, aqueles que retornaram encontraram muitas dificuldades e obstáculos no processo de adaptação, tanto no plano subjetivo como no social e político, o que se releva nas especificidades atemporais do processo de retorno. O que prevalece, portanto, seja em tempos de fluxos de saída ou entrada, é a força do retorno enquanto elemento que impõe circularidade migratória, em que o retornado funciona como ponto de ligação entre aquele que ainda está lá e aquele que pretende sair. Reconhecemos, dessa forma, a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre esse fenômeno migratório, fundamental para manutenção e movimentação dos fluxos, podendo assim fornecer dados importantes para políticas direcionadas a essa população.

Referência Bibliográfica

BRASIL. Senado Federal. Lei 13.445, de 24 de maio de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

BUREAU OF LABOR STATISTICS. Labor force statistics from the current population survey. Disponível em: <<https://data.bls.gov/timeseries/LNS14000000>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BUROWAY, M. Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography. *American Sociological Review*, v. 68, October 2003, p. 645-679.

CANÔNICO, L. Newark, reduto brasileiro em NJ. *GI*, 10 ago. 2010. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/08/newark-reduto-brasileiro-em-nj.html>>. Acesso em: 03 set. 2013.

DANTAS, S. 2010. Culturas em cheque e o desafio psicológico de ser entre dois mundos; biculturalismo entre Brasil e Japão. In: FERREIRA et al (orgs.) *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. P. 19-38.

DeBIAGGI, S. D. 2004. Homens e mulheres mudando em novos e espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DeBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. - (org.). *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 135-164.

FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e Migração: dois aspectos fundamentais do retorno. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.25, n.72, p. 89-100, 2010.

FAZITO, D.; SOUSA, L. G. o papel dos emigrantes retornados na perpetuação de sistemas migratórios: o caso da migração internacional Microrregião de Governador Valadares, 2000-2010. XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, jul. 2016. Disponível em: <<http://abep.org.br/xxencontro/files/paper/846-849.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

FERNANDES, D.; NUNAN, C.; CARVALHO, M. O fenômeno da migração internacional de retorno como consequência da Crise Mundial. *Revista de Estudos Demográficos*. Portugal, n. 49, artigo 4º, p.69-98, 1º semestre, 2011.

FERNANDES, D. KNUP, S. Should I stay or should I go? A dúvida da permanência ou retorno: imigrantes brasileiros no estado de Massachusetts. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/USER/OneDrive/BACKUP_ANTIGO/Dropbox/IESP/migra%C3%A7%](file:///C:/Users/USER/OneDrive/BACKUP_ANTIGO/Dropbox/IESP/migra%C3%A7%20)>

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso

C3%A3o/retorno/Duval%20Fernandes%20e%20Knup%20Should%20I%20stay%20or%20should%20I%20go.pdf > Acesso em: 23 out. 2013.

FUSCO, W; SOUCHAUD, S. De volta pra casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. CONFINS, *Revista Franco Brasileira de Geografia*, n. 9, set, 2010.

GHOSH, B. *The global economical crisis and migration: where do we go from here?* Geneva: International Organization for Migration, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios – Resultados do Universo. IBGE: Rio de Janeiro, 2011.

_____. Taxa de desemprego com média anual. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>. Acesso em: 14 ju. 2018.

MARGOLIS, M. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Brasil, novo polo de imigração. Estado de São Paulo, 08 jan. 2012. Disponível em <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-novo-polo-de-imigracao-imp-,819891>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

_____. *Goodbye, Brazil: Emigrés from the land of soccer and samba*. Madison: University of Wisconsin Press, 2013.

MÁXIMO, L.; FALEIROS, G. Crise traz de volta ao país 400 mil “expatriados”. *Portal Vermelho*, 24 mai. 2010. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=130037>. Acesso em: 20 de junho de 2012.

MELO, L. Com a crise, dispara a quantidade de brasileiros que desistem de viver no Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/com-a-crise-dispara-a-quantidade-de-brasileiros-que-desistem-de-viver-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Guia de retorno ao Brasil*. Brasília, 2010.

_____. *Brasileiros no Mundo*. 3. Ed. Brasília. 2011. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/>>, acesso em 15 de junho de 2012.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**
Marina Tomassini Panosso

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”. *Travessia*, 13 (número especial): 7-32, jan., 2000.

SIQUEIRA, S. Emigração internacional e retorno a terra natal. XV Encontro Nacional sobre Emigração. Apresentado no XV Encontro Nacional sobre Emigração. Organizado por Nepo - Unicamp, 2007.

SIQUEIRA, S; SANTOS, M. H. Condições de saúde do emigrante de retorno para sua terra natal. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, ano XXI, n.40, p. 131-150, jan./jun. 2013.

VEDANA, S. N. *Viver no exterior e voltar para o Brasil: uma análise do processo de aculturação e readaptação de consumidores brasileiros*. 2010. 139f. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.56-77, 2019. **O retorno de brasileiros em tempos de crise: motivações, obstáculos e desafios.**

Marina Tomassini Panosso